

**Narrativas biográficas na imprensa:
uma análise dos perfis publicados na revista veja**

*Narrativas biográficas en la prensa:
una análisis de los perfiles publicados en la revista veja*

Aparecido Santos do CARMO¹
Cristóvão Domingos de ALMEIDA²

Resumo

O presente trabalho apresenta uma análise dos perfis biográficos publicados na revista semanal *Veja*. À luz da Narratologia de Luiz Gonzaga Motta (2005), são investigadas as características do texto quanto aos critérios de noticiabilidade, construção das narrativas e apelo popular entre os leitores. Os perfis são publicados a partir de um fato que se desenrola no tecido social, atraem o público por permitirem que tenham acesso a fatos privados das vidas das personalidades perfiladas. Evidencia-se que as narrativas são parte de um instinto inerente à raça humana de deixar vestígios de sua existência por onde quer que passem e passíveis de transmitir lições de ética e comportamental aos seus semelhantes.

Palavras-chave: Gêneros Jornalísticos. Perfil biográfico. Narrativa jornalística.

Abstract

This paper presents an analysis of the biographical profiles published in the weekly magazine *Veja*. In the light of the Narratology of Luiz Gonzaga Motta (2005), the characteristics of the text are investigated regarding the criteria of news, construction of narratives and popular appeal among readers. The profiles are published based on a fact that unfolds in the social fabric, they attract the public by allowing them to have access to private facts of the lives of the profiled personalities. It is evident that the narratives are part of an instinct inherent in the human race to leave traces of their existence wherever they go and that can pass on lessons of ethics and behavior to their fellowmen.

Keywords: Journalistic Genres. Biographical profile. Journalistic narrative.

¹ Mestrando do PPG em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT. Bolsista CAPES.
E-mail: aparecido.jor@gmail.com

² Pós-doutor em Comunicação e Práticas de Consumo com doutorado em Comunicação e Informação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e em Estudos de Cultura Contemporânea e do curso de Publicidade e Propaganda na Universidade Federal de Mato Grosso.
E-mail: cristovaoalmeida@gmail.com

Introdução

Entre os textos jornalísticos mais populares estão aqueles que voltam seu enfoque para as vidas de personalidades extraordinárias, sejam elas conhecidas ou anônimas, que se destacam entre os demais pelos frutos de seu trabalho físico ou intelectual, ou por serem simplesmente “grotescos, vitimados ou loucos de pedra” (BOAS, 2003, p. 24).

Esse “jornalismo sobre pessoas” (ROCCO, 1999) se baseia na identificação com as histórias das suas personagens, criando empatia e dando orientações, momentos de reflexão sobre a própria vida, ou, simplesmente, um respiro diante dos acontecimentos factuais do noticiário. Segundo a classificação de José Marques de Mello (1998), atualmente são praticados na imprensa periodística de massa os seguintes formatos dessa categoria de jornalismo mais afeito às individualidades: *o obituário, a história de interesse humano e o perfil*.

Esses textos, que valorizam as experiências humanas, podem ser identificados ao longo da história desde os tempos em que há registros de imprensa atuante. Com o passar do tempo, e conforme o aperfeiçoamento da prática jornalística, foram ganhando os contornos que conhecemos atualmente. O *obituário*, por exemplo, é citado na tese de doutorado em jornalismo mais antiga de que se tem notícia, escrita por Tobias Peucer em 1690. Entre os critérios de noticiabilidade dos jornais europeus daquela época, o autor elencava “a morte dos príncipes, [...] o óbito dos varões ilustres e o fim das pessoas ímpias” (PEUCER, 2000, p. 21). Já no caso brasileiro, esses relatos póstumos são publicados na imprensa nacional desde o *Correio Braziliense* de Hipólito da Costa, primeiro jornal publicado no país a partir de 1808. As *histórias de interesse humano*, por sua vez, são costumeiramente voltadas para indivíduos anônimos. Tom Wolfe (2005, p. 14) definiu esse formato como “relatos longos e quase sempre hediondamente sentimentais sobre almas até então desconhecidas colhidas pela tragédia ou sobre hobbies estranhos”. Apesar do tom irônico de Wolfe, a definição é parecida com a de José Marques de Melo e Francisco Assis (2010), que descrevem essas histórias como reveladoras de experiências e de situações que apelam para o emocional do leitor.

O *perfil biográfico*, por sua vez, é conceituado por Sérgio Vilas Boas (2002, p. 93), como um texto curto que “narra episódios e circunstâncias marcantes da vida de um

indivíduo”. A partir de um acontecimento recente, são apresentados detalhes da vida pessoal da personalidade perfilada de modo a humanizá-la, isto é, torná-la mais próxima das demais pessoas, indo além de uma simples caracterização estereotipada.

Optamos por analisar empiricamente os perfis biográficos por serem estes o objeto de nossa pesquisa acadêmica. Foram selecionados dois perfis jornalísticos publicados na revista *Veja*, cujo enfoque foram as trajetórias de personalidades conhecidas nacionalmente. A razão para a escolha deste veículo é o fato de ser um dos mais antigos em circulação e o que tem maior número de exemplares vendidos no mercado nacional (A QUEDA..., 2020). Além disso, acreditamos que por ser um dos mais tradicionais veículos da imprensa nacional, a revista *Veja* serve como um demonstrativo dos principais formatos textuais, conteúdos, temáticas e personalidades veiculados nas grandes empresas da imprensa nacional.

Questões metodológicas

A partir de análise da referida publicação, foi possível identificar que, entre o primeiro semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2020, foram veiculados 31 perfis biográficos, conforme tabela abaixo.

Tabela 1 – Perfis publicados pela revista *Veja* entre 2018 e 2020.

DATA	PERFILADO		
07/03/2018	Mayra Cardi	20/02/2019	Henrique Filho
09/05/2018	Marcelo Germano	29/05/2019	Rosângela da Silva
13/06/2018	Tite	29/05/2019	Marie Lafayette
13/06/2018	Neymar Jr.	06/10/2019	Asa Branca
13/06/2018	Gabriel Jesus	23/10/2019	Karina Kufa
27/06/2018	Cristiano Ronaldo	06/11/2019	Filipe Martins
11/07/2018	Kylian Mbappé	27/11/2019	Rafael Grampá
01/08/2018	Sean Goldman	18/12/2019	Rubens Miraglia
22/08/2018	Tony Robbins	25/12/2019	Monique Elias
12/09/2018	Ana Khouri	29/01/2020	Teresa Cristina
17/10/2018	Sig Bergamin	29/01/2020	Anitta
21/11/2018	Kaique Pacheco	12/02/2020	Noah Centineo
12/12/2018	Angela Ponce	11/03/2020	Adriano Sarney
09/01/2019	Alejandro Pedro Bulgheroni	19/04/2020	Bruno Covas
23/01/2019	Rêgo Barros	06/05/2020	André Kalil
		20/05/2020	Meyer Nigri

Fonte: elaboração própria dos autores

Destes, foram escolhidos os textos “A conquista da América” escrito pela jornalista Sofia Cerqueira sobre a cantora Anitta, publicado na edição de 29 de janeiro de 2020; e “Tudo é permitido para Neymar” do repórter Tiago Leme e publicada em 13 de junho de 2018, sobre a vida do jogador de futebol Neymar Júnior. A justificativa para esta seleção é o fato de as pessoas retratadas serem duas das personalidades brasileiras mais conhecidas na atualidade.

O método de análise escolhido é a Narratologia de Luiz Gonzaga Motta (2005). Para o autor, as narrativas constituem formas de relações estabelecidas em razão do compartilhamento de uma mesma cultura, interesses, condição social, relações de hierarquia e poder, dentre outros aspectos. Tomando isso em consideração, a análise da narrativa deve compreender tanto as intenções do narrador, como as interpretações do “receptor”. Nesse caso, o foco principal da análise não será a narrativa em si, mas a “dinâmica da reciprocidade”, isto é, o inter-relacionamento que se estabelece, por meio da narrativa, entre narrador e leitor (MOTTA, 2005, p. 3).

É enquanto consome a narrativa midiática que a audiência recompõe a integralidade do acontecimento, acessando as memórias que o ajudam a consumir, compreender e se posicionar com relação ao que foi veiculado. O jornalismo, avança o autor,

representa a vida e as ações dos homens (bons e maus), relata as tragédias e as epopeias modernas. Contam as histórias de nossos heróis e vilões, nossas batalhas, conquistas e derrotas. O mundo do jornalismo é o mundo da tragédia e da comédia humanas, é habitado, como as artes e a literatura, pelo *mythos*. Tem uma ética e uma poética, como outras linguagens estéticas, ainda que o jornalismo não resolva os conflitos que traz (ao contrário, deixa os episódios permanentemente em abertos para complementação por parte da audiência, que solicita permanentemente mais notícias) (MOTTA, 2005, p. 11).

A carga simbólica por trás de cada perfil, objeto de análise neste caso específico, constitui o pano de fundo do acontecimento, a razão para o fato em questão ter sido posto em pauta. Apresentadas por meio de técnicas de escrita distintas que ressaltam o referencial e/ou o poético em cada fato, é possível identificar as “grandes metanarrativas culturais” (MOTTA, 2005, p. 15) que circulam nos produtos midiáticos, isto é, os valores e posicionamentos ideológicos incentivados ou inibidos por meio destes espaços.

O interesse pela vida do outro

Os perfis têm um histórico que remonta há pelo menos dois séculos, mas foi principalmente a partir dos últimos sessenta anos que “ganharam corpo”, com narrativas aprofundadas e mais bem escritas (BOAS, 2002). Para o jornalista e pesquisador das narrativas biográficas Sérgio Vilas Boas (2003), as pessoas consomem esses produtos jornalísticos por suas capacidades de sugerirem as características, impressões e valores comuns a todo um grupo social, mas que ganham destaque maior na história que enfoca um único indivíduo.

Além disso, o autor destaca o prazer de se projetar nas histórias de vida de outras pessoas, o que serviria como um conforto e uma segurança ao leitor por saber que não está “sozinho no mundo”. Tais narrativas biográficas “excitam, orientam, alertam, ajudam a vivenciar o que acontece” e concedem às vidas comuns uma dimensão imaginária (BOAS, 2003, p. 39). As pessoas se projetam nas personagens dessas narrativas centradas em trajetórias de vida, viajam no tempo conforme a cronologia traçada nas páginas do periódico e, ao retornarem para suas vidas cotidianas, voltam diferentes. Seja porque o que leram lhes fizeram refletir sobre a própria existência; porque sua curiosidade foi atizada; porque encontraram um novo modelo de vida para se inspirar; ou simplesmente porque descobriram um novo passatempo.

Os perfis biográficos são classificados por José Marques de Melo et al. (1998) como sendo do gênero jornalístico descrito como interpretativo. Os textos dessa natureza são marcados por traduzir os acontecimentos ao público e aprofundar essa informação reforçando sua importância na atualidade (MARQUES DE MELO et al, 1998, p. 8). Para Luiz Beltrão (1976, p. 12) é uma função básica do jornalismo oferecer à sociedade “informação e orientação” como forma de “promoção do bem comum”. Assim, cabe ao perfil relacionar a informação factual com o seu contexto e dar sentido aos fatos que se desenrolam no tecido social.

O que todos os formatos de natureza biográfica têm em comum, além do fato de serem resultados de trabalho jornalístico, é a possibilidade de focalizar um indivíduo em particular. Para Janet Malcom (2012, p. 16) há um impulso bisbilhoteiro nas sociedades modernas que garante espaço para esse tipo de publicação em veículos de toda espécie. Para a autora, homens e mulheres contemporâneos têm um anseio por “atravessar o corredor na ponta dos

pés, parar diante da porta do quarto e espiar pelo buraco da fechadura”, sobretudo quando se fala de personalidades amplamente conhecidas.

Habitantes de um novo Olimpo – as páginas dos jornais e das revistas, os programas de rádio e televisão, os websites, aplicativos e redes sociais – os heróis deste tempo são personas simpáticas, fáceis de amar. Os primeiros que vêm à memória são os astros e estrelas do cinema e da TV, mas estes não foram os únicos a invadir as casas das pessoas, “também os campeões, príncipes, reis, playboys, exploradores, artistas célebres” têm o seu lugar garantido (MORIN, 1997, p. 105).

Tomemos o perfil de Anitta. Os fãs da cantora encontraram no texto de Sofia Cerqueira muitas brechas por onde puderam espiar a privacidade alheia. O relato biográfico ocupa grande destaque na edição: são seis páginas inteiras apenas para a matéria sobre a “todo-poderosa rainha do funk” (CERQUEIRA, 2020, p. 82). A personagem apresentada é a de uma mulher bem-sucedida, que não deve satisfação a quem quer que seja. “Estou solteira e sempre vou ter alguém. Para casar, eu preciso procurar, testar, né não?” (CERQUEIRA, 2020, p. 86), declarou a cantora no mesmo parágrafo em que desmente um relacionamento com o piloto de *Fórmula 1* Lewis Hamilton e após o narrador do texto recordar que o último relacionamento público da cantora, com o surfista Pedro Scooby (apresentado como o ex-marido da atriz Luana Piovani), foi terminado pelo celular. Ainda no campo dos relacionamentos, a matéria não deixa de rememorar o momento em que a cantora declarou sua bissexualidade e o caso que manteve com uma de suas bailarinas.

Na matéria, a “voluptuosa funkeira” admite ter feito várias cirurgias plásticas “porque deu na telha”, que experimentou algumas drogas ilícitas para “entender a sensação” e assumiu uma luta contra a depressão desde 2017, quando teve “uma crise pesada” (CERQUEIRA, 2020, p. 87). Os leitores de *Veja* também querem saber das brigas em que a cantora se envolveu, sobretudo aquelas com outras celebridades. Pelo menos é o que a matéria dá a entender ao enumerar alguns desses acontecimentos.

Ao longo da carreira, tem tido suas brigas. Com a também funkeira Ludmilla, desentendeu-se porque assinou como co-autora da música *Onda Diferente*, que as duas gravaram com [o rapper americano] Snoop Dogg. Anitta justificou-se dizendo que o crédito era por ter produzido o vídeo, mas elas estão de mal até hoje. Após a gravação de *Sua Cara* com Pablo Vittar, o imbróglio entre as duas foi motivado pela recusa da funkeira em alugar um jato particular para o Marrocos (CERQUEIRA, 2020, p. 86).

Os perfis, assim como os demais formatos biográficos, são capazes de criar empatia entre os leitores, isto é, tentar imaginar a si mesmo nas situações pelas quais o perfilado

passou. Para Sérgio Vilas Boas, trata-se de um formato que permite que o leitor possa “compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante” (BOAS, 2003, p. 14), imaginar o ponto de vista do outro, conhecê-lo e, ao mesmo tempo, conhecer a si mesmo.

O jogador de futebol Neymar, por sua vez, é retratado por Tiago Leme como um rapaz “abusado”, capaz de “pequenas baixezas, como a insistência em tomar do uruguaio Cavani o posto de cobrador oficial de pênaltis do PSG [*Paris Saint-Germain*, clube de futebol francês]” ou então quando estendeu a mão para um oponente caído em campo, mas “quando o rival lhe deu a mão para se reerguer, o brasileiro recuou e saiu rindo” (LEME, 2018, p. 73-74). De acordo com a matéria, raras são às vezes em que pede desculpas, “como após a partida da seleção contra o Japão, em Lillie, no ano passado, ao levar um cartão amarelo depois de dar um tapa num jogador que o derrubara”.

Durante todo o texto, o autor trabalha com essa dualidade do jogador que pode ganhar o hexacampeonato mundial de futebol para o seu país, mas que não é o melhor exemplo a ser seguido como indivíduo. Ao contrário de Anitta, o jogador de futebol não deu entrevista para o repórter que assina o texto, todas as declarações do jogador são extraídas de suas redes sociais ou de entrevistas que deu anteriormente. Seu perfil tem quatro páginas e compõe o conteúdo especial sobre a Copa do Mundo de Futebol de 2018. O atleta, campeão olímpico de 2016 com a seleção brasileira, é descrito como “o craque que ninguém para e como o provocador que não se emenda” (LEME, 2018, p. 73).

Outro escândalo midiático apontado no perfil é a superexposição do jogador durante o período de recuperação após uma fratura no pé que o afastou do futebol por alguns meses. De acordo com a matéria, não pegaram bem na França as publicações em redes sociais mostrando “cenas [de partidas] de pôquer, videogames, afagos com Bruna Marquezine e muita zoeira com os ‘tóis’, como são chamados os amigos inseparáveis que o acompanham onde quer que ele vá”. Esses companheiros do jogador, aliás, constituem por si mesmos um outro ponto negativo destacado pela matéria.

O argentino Javier Mascherano, colega de Neymar no Barcelona, citado pelo jornal *El País*, disse que certa noite foi convidado para jantar na mansão do brasileiro em Castelldefels, subúrbio rico da capital catalã. Achou que se tratasse de uma conversa a dois, no máximo para um grupo restrito. Havia uma multidão de amigos - os ‘tóis’, é claro, entre eles - conhecidos e curiosos. Mascherano advertiu o companheiro de clube: ‘Se você fizer isso todos os dias, sua carreira se encurtará’ (LEME, 2018, p. 74-75).

Esses pequenos mexericos distribuídos ao longo do texto visam atender ao apelo dos leitores ávidos por invadir a privacidade dessas personalidades conhecidas. Ao mesmo tempo em que as tornam semelhantes ao apresentá-las como seres humanos como todos os outros. Expondo esses acontecimentos íntimos e pessoais, o jornalismo tira essas vidas do Olimpo Glorioso onde habitam e os trazem para o chão, para o meio dos meros mortais.

Os critérios de noticiabilidade

De acordo com o pesquisador português Nelson Traquina (2005, p. 63), o processo de seleção e construção das notícias é previsível por conta da existência dos valores-notícia, isto é, um “conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico” e ser transformado “em matéria noticiável”. Para Mauro Wolf (2003, p. 195), os valores-notícia permitem que a seleção do que deve ou não ser publicado seja realizada com rapidez, de modo quase automático no cotidiano agitado das redações. Para o autor, é fato que esses valores mudam ao longo do tempo e estão diretamente ligados à cultura profissional num determinado contexto.

No caso de perfis jornalísticos, o processo é semelhante. É por meio de um acontecimento significativo na sociedade que se abre a possibilidade de produção de um perfil. Traquina (2005, p. 78) agrupa os valores-notícia de seleção em duas categorias. São elas: 1) os critérios substantivos, em que o acontecimento é avaliado “por sua importância ou interesse como notícia”; e 2) os critérios contextuais, “que dizem respeito ao contexto de produção da notícia”.

O primeiro ponto, relativo aos critérios substantivos, ressalta, em primeiro lugar, o papel das personalidades que ocupam papéis de grande *notoriedade* na sociedade e no desenrolar dos acontecimentos que podem vir a ser noticiados. Podem ainda ser enquadradas nessas categorias todas as personalidades com visibilidade social além da sua área de atuação que representem um determinado grupo social ou situação e que estejam em evidência no momento (TRAQUINA, 2005). É o caso de Neymar Jr, o mais caro jogador de futebol brasileiro da sua geração, e da cantora Anitta, que, gerenciando a própria carreira, tornou-se símbolo de sucesso e independência feminina. Em ambos os casos, pesa o critério da *novidade*, isto é, de fatos novos que justifiquem a publicação do acontecimento: enquanto o perfil de Neymar se justifica pela proximidade da realização da principal competição internacional da sua modalidade esportiva, Anitta preparava o lançamento de sua carreira internacional.

Nelson Traquina, ao falar sobre os critérios contextuais, isto é, aqueles que dizem respeito à produção dos conteúdos jornalísticos de fato, destaca os critérios de *disponibilidade*, ou seja, “a facilidade com que é possível fazer a cobertura do acontecimento” (TRAQUINA, 2005, p. 88). O autor também cita o *equilíbrio* numa determinada cobertura, que está relacionado “com a quantidade de notícias sobre este acontecimento ou assunto” já publicadas pelo veículo (TRAQUINA, 2005, p. 89). No caso do perfil de Neymar, não havia a disponibilidade de falar com o jogador pois ele havia assinado um contrato de exclusividade para entrevistas com a emissora de TV que havia adquirido os direitos de exibição do campeonato – neste caso pesou a *relevância* (critério substantivo) da cobertura para o leitor e o impacto que este acontecimento teria na sociedade. Com relação ao valor do equilíbrio, sabe-se que *Veja* é uma revista de atualidades e não voltada para o segmento esportivo, apesar de eventualmente incluir em suas páginas notícias a respeito do assunto, então ao optar por dar destaque para o tema, a publicação abraça uma área de cobertura que não lhe é estranha, mas que geralmente não merece tanto destaque.

Para o perfil de Anitta, pelo contrário, havia a possibilidade de falar com a cantora – o que de fato foi feito. Além disso, havia a relevância de dar espaço para um tema contemporâneo, sobretudo observando que no mesmo período estava em destaque a cobertura do caso de atrizes norte-americanas que denunciavam o assédio do produtor Harvey Weinstein. O acontecimento trouxe para o noticiário a questão dos obstáculos plantados na sociedade em decorrência do machismo e que prejudicam as mulheres, sobretudo no mercado de trabalho.

Traquina (2005, p. 89) também destaca que as empresas jornalísticas trabalham sob a pressão de oferecer conteúdos diferenciados daqueles que são veiculados nos concorrentes. Para o autor, a *concorrência* incentiva a busca pelo “furo”, pelo conteúdo exclusivo sempre que possível. No caso do atleta Neymar Jr, a intenção era claramente fazer o que era possível sem poder falar com o principal jogador da seleção brasileira de futebol em razão dos motivos já explicados. As outras revistas semanais também encontrariam formas de dar destaque para o principal nome da cobertura esportiva naquele período. O perfil de Anitta, ao contrário, contou com a colaboração da artista e se aproveitava disso para oferecer informações que a concorrência não tinha acesso – ou então versões ou declarações adquiridas com exclusividade.

O pesquisador Fabiano Ormanze (2013, p. 8), ao discorrer sobre sua experiência enquanto professor de jornalismo, destaca o desafio de ensinar e produzir perfis e cruzar os valores-notícias com a ideia de humanização na narrativa jornalística, característica típica do

formato. Para o autor, o perfilado deve ser escolhido de acordo com a sua representatividade diante de um determinado contexto. O foco do repórter, na visão do autor, deve ser apresentar o personagem por um ângulo novo.

No perfil da revista *Veja*, Anitta é apresentada como a “menina de 26 anos que saiu do morro do brinquedo” e que se tornou a “mais bem-sucedida mulher artista em um gênero musical machista”. Isso é o que a engrandece, é o que a torna uma “vida olimpiana”, uma estrela. O que a humaniza, no corpo da matéria, são os relatos que a descrevem como uma pessoa que não para nunca de trabalhar, “só pensa em trabalho. Nunca está satisfeita”, a confissão de já ter usado drogas por curiosidade e de lutar contra a depressão – “no ano passado comecei a sentir que ia bater e corri para me tratar”. É a reação ao se deparar diante de uma parceria com Madonna —“me deu uma tremenda dor de barriga”. Todos esses relatos trazem a artista do campo das estrelas e a colocam no mesmo nível dos outros indivíduos. No caso de Neymar, ele é o garoto que não cresce, que não reconhece a dimensão que seus atos podem tomar: “faço isso com meus amigos, porque não posso fazer com meu adversário?”; que não parece se importar com a opinião dos outros a seu respeito, “se a sua vida é entediante, arrume logo algo pra fazer, só não cuide da minha” porque sabe que pesa sobre ele a esperança de uma vitória, “ele conduzirá o [time do] Brasil”.

A função utilitária da narrativa

É por meio das narrativas que os seres humanos conseguem traduzir, em relatos ordenados, os seus conhecimentos sobre o mundo, as relações sociais, crenças, valores, dentre outros. De acordo com Brune (1998 apud MOTTA, 2005, p. 2), estudos da psicologia cultural apontam que a tendência da espécie humana por buscar organizar as suas experiências de uma forma narrativa é um impulso anterior ao desenvolvimento da linguagem, isto aponta para uma predisposição “primitiva e inata” para a organização narrativa da realidade.

Naturalmente, essa narratividade pode ser observada em várias produções culturais de diferentes povos ao redor do planeta. Os produtos da cultura de massa, particularmente, usam e abusam das possibilidades das narrativas fáticas (notícias, reportagens, etc.), fictícias (videoclipes, telenovelas, etc.) e suas hibridizações com o intuito de ganhar a adesão do público, provocando efeitos de sentido: as narrativas fáticas causam efeito de real, o fictício efeitos emocionais.

O narrador, aquele que no texto conta a história, é capaz de dar conselhos tão úteis quanto os de um sábio, pois tem acesso não apenas às suas experiências, mas também às

experiências alheias. A razão de ser da narrativa tem uma dimensão utilitária: transmitir um ensinamento ético ou moral, seja numa sugestão prática, num provérbio ou numa lição de vida. Esse fundo moral não necessariamente é intencional por parte de quem escreve (BENJAMIN, 1980) e, algumas vezes, passa despercebido por quem a está consumindo (MOTA, 2005).

Os perfis biográficos enquanto narrativas e produtos do jornalismo por certo possuem ensinamentos que são transmitidos, sejam eles de ordem ética, moral, filosófica, religiosa ou ideológica, estejam eles explicitados na política editorial das organizações da imprensa ou nas entrelinhas dos discursos que se constroem naqueles espaços. Se toda notícia representa uma ruptura da normalidade, toda notícia traz consigo uma lição: o crime não compensa, as leis devem ser cumpridas, a propriedade privada é inviolável, o trabalho enobrece o homem, a família é o valor supremo, a nação está acima de tudo, e assim por diante (MOTTA, 2005, p. 15).

É o caso do perfil de Anitta, que o tempo todo reforça a importância do trabalho na trajetória da cantora. A artista é sempre descrita como “determinada, centralizadora e ultra profissional é sua própria empresária, decidindo os rumos da carreira, as parcerias”, “produz sem parar”, “mantém uma constância que raros artistas alcançam”, uma pessoa que “construiu praticamente sozinha uma carreira artística - e uma fortuna - de impor respeito até de quem torce o nariz para a música das quebradas”. É um reforço daquela ideia citada anteriormente que ensina que somente pelo trabalho duro e honesto as pessoas são capazes de alcançar os seus objetivos. Se isso não acontece, pode-se supor, é porque não se esforçou o suficiente.

O Neymar retratado no perfil, por sua vez, é um *bad boy*, uma pessoa disposta “a quebrar as normas e tabus” e capaz de cometer “pequenas baixezas”, “abusado”, “provocador”, “muito benquisto pelas mulheres”, que leva a vida como “se tudo fosse permitido”. Mas para o narrador, tudo isso é justificado pelo fato de ser um “genial atacante”, “o grande nome da seleção”, “o jogador mais caro da história”, porque aos 26 anos o “menino que nasceu para ser o novo Pelé” suporta o peso do mundo em seus ombros. Neymar é o mal necessário, tal como “o filho pródigo, sucessivamente perdoado”, porque sem ele a seleção brasileira não vai alcançar nenhum título importante.

É necessário, entretanto, que se leve em consideração o fato de que nas narrativas jornalísticas “a personagem representa uma pessoa com existência real” (MOTTA, 2005, p. 7) e isso não altera o fato de que essa mesma personagem “constitui igualmente uma construção do seu autor na medida em que ele possui autonomia de escolha entre os elementos que lhe são propostos pelo real” (MESQUITA apud MOTTA, 2005, p. 8). Isso significa dizer que o

Neymar e a Anitta apresentados por meio dos perfis analisados foram construídos por seus respectivos autores levando em consideração o recorte da realidade a que tiveram acesso. Isso não altera o fato de que eles existem de fato, que sua história é real. Outra consideração importante é que o perfil reflete uma pessoa num determinado momento de sua trajetória e não representa nem quer representar o todo da personalidade perfilada. As pessoas evoluem, amadurecem e dão novos rumos para suas vidas e, por tanto, o perfil é uma peça jornalística transitória na medida em que não pode esclarecer todos os pontos complexos inerentes à humanidade (BOAS, 2002).

Considerações finais

No presente trabalho buscamos analisar os perfis biográficos publicados na revista *Veja*. Este formato é um daqueles classificados por José Marques de Melo et al. (1998) como sendo produtos noticiosos presentes nos periódicos nacionais e cujo enfoque é a biografia de personalidades representativas de um grupo social, momento histórico ou situação específica.

Muito populares, sobretudo entre os apreciadores dos formatos ditos literários, os perfis se sustentam na identificação dos leitores com as suas personagens. Por meio desses relatos jornalísticos, a pessoa dita olimpiana é humanizada e se torna instrumento para o estabelecimento de empatias e de valorização da experiência humana em detrimento de dados estatísticos, por exemplo. Essas narrativas biográficas têm como ponto de partida acontecimentos que se desenrolam ou que afetam diretamente a sociedade ou parte considerável dela no momento presente.

Constituem um produto que dá acesso à privacidade alheia, correspondendo aquela ânsia das massas por invadir a privacidade do outro e compartilhar das dores e alegrias dos indivíduos representados nestas narrativas (MALCOM, 2012). Ao mesmo tempo que legitimam essa invasão das vidas privadas, são um instrumento de humanização ao mostrar que mesmo os mais poderosos e influentes são feitos de carne e osso e que a vida humana é muito mais complexa do que os pré-conceitos formados a partir dos estereótipos atrelados a profissões, classes sociais, preferências político-ideológicas, religião, orientação sexual, entre outros.

Como todo produto jornalístico, a possibilidade de produção de um perfil se dá a partir de um acontecimento significativo que eclode no tecido social e que representa um ponto de virada ou uma quebra de paradigmas. Os critérios de noticiabilidade envolvidos na seleção e produção destes textos envolvem os valores-notícia de novidade, relevância, equilíbrio,

concorrência (TRAQUINA, 2005), por exemplo, mas incluem a preocupação em tornar aquele conteúdo representativo do contexto histórico e social em que é produzido, levando para as suas páginas as preocupações e anseios da sociedade contemporânea.

Por fim, é importante ressaltar que desde que a humanidade passou a deixar registros do seu tempo em pedras, metais, pergaminhos e mais recentemente no ciberespaço, é possível identificar uma predisposição primitiva, inata para a reconstituição da realidade a partir de narrativas ordenadas (MOTTA, 2005). Importantes estudiosos da área concordam que todas as narrativas, inclusive as jornalísticas, carregam consigo lições e valores transmitidos como positivos e negativos, incentivados ou não (BENJAMIN, 1980). No caso dos perfis, isso se dá por meio das vidas, das histórias pessoais reconstruídas a partir da apuração do profissional de imprensa.

Importante, também, reforçar que o perfil é um retrato do momento, do presente. Ele pode incluir ou rememorar acontecimentos do passado, mas jamais conseguirá representar o todo de uma existência, mesmo nos casos em que o autor consiga construir previsões sobre o futuro, pois as existências humanas são complexas demais para os poucos parágrafos publicados em revistas ou jornais e porque as pessoas são capazes de evoluir, amadurecer, enfim, mudar os rumos de suas próprias vidas.

Referências

- AGUIAR, Leonel Azevedo de. Entretenimento: valor-notícia fundamental. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 5, n. 1, p. 13-23, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p13>. Acesso em 02 mai. 2020.
- A QUEDA na circulação de revistas jornalísticas em 2019**. Poder 360, Brasília, 31 jan. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/a-queda-na-circulacao-de-revistas-jornalisticas-em-2019/>. Acesso em: 02 mai. 2020.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1980. p.197-221.
- BOAS, Sergio Vilas. **Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus Editorial, 2002.
- BOAS, Sergio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- CERQUEIRA, Sofia. **A conquista da América**. Veja, São Paulo, p. 82-87, 29 jan. 2020.

MARQUES DE MELO et al. Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal Folha de S. Paulo e da revista Veja. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 1998. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/b43f21945b991b4e99923bee1b2e5d7c.PDF>.

Acesso em: 26. Abr. 2020.

LEME, Tiago. **Tudo é permitido para Neymar**. Veja, São Paulo, p. 72-75, 13 jun. 2018.

MALCOM, Janet. **A mulher calada: Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, p. 1-16, 2005. Disponível em:

<http://portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>.

Acesso em: 24 abr. 2020.

ORMANEZE, Fabiano. O gênero perfil à luz dos valores-notícia: uma contribuição ao ensino de Jornalismo Literário. In: **Fórum Nacional de Professores de Jornalismo**. São Paulo: Escola Superior de Propaganda e Marketing, 2013. Disponível em:

www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewabstract.php?id=983&cf=26. Acesso em: 18 mai. 2020.

PEUCER, Tobias. Os relatos de notícia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 1, n. 2, p. 49-59, 2004. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2070/1812>. Acesso em: 24 abr. 2020.

ROCCO, Fiammetta. Síndrome de Estocolmo: jornalista em sequestro. In: GLOVER, Stephen. **The Penguin Book of Journalism: secrets of the press**. Londres: Penguin Books, 1999. p. 48-59

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. 1ª. ed. Florianópolis: Insular, v. II, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.